

Bancos estão abertos a propostas de redução, diz Marques Moreira

por Arnolfo Carvalho
de Brasília

“Os bancos privados no exterior estão abertos às propostas de redução das dívidas dos países em desenvolvimento, preferindo receber um montante menor mas que seja pago de maneira mais segura” — disse na sexta-feira o embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Marcilio Marques Moreira, ao considerar possível a obtenção de uma “redução bastante substancial” nas transferências líquidas ao exterior, como pretende o Brasil com o novo programa econômico.

A relutância dos bancos estrangeiros em fornecer dinheiro novo — o que leva o governo a contar, principalmente, com novos recursos provenientes de organismos oficiais e agências internacionais — deve ser vista, segundo o embaixador, como apenas uma face da questão, já que de outro lado eles admitem a troca da dívida por papéis com desconto que representam maior garantia de recebimento. A intensificação desta conversão depende, agora, do debate em torno das garantias.

Marques Moreira não soube dizer quanto de dinheiro novo o País pretende obter, de fontes oficiais, para ajudar a reduzir a transferência líquida. Mas o Ministério da Fazenda explicou na sexta-feira que o montante de US\$ 3 bilhões mencionado em estudo recente do governo diz respeito apenas ao que já está previsto na programação do Banco Central para 1989, compreendendo os recursos da renegociação com os bancos credores que deixaram de ser libera-

dos no ano passado, parcelas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BRD), além de dinheiro do Japão. A pretensão brasileira, agora, é obter algo acima desse valor, para prevenir eventuais perdas de reserva com a maior importância.

Além de novos financiamentos, a menor transferência se dará também pelo aprofundamento dos mecanismos de redução do estoque da dívida. O embaixador comentou o cardápio de opções para esta redução, atualmente em debate, lembrando que o princípio já é aceito hoje pelos credores, sobretudo na área acadêmica dos Estados Unidos e entre os próprios banqueiros. Além da troca de títulos, já se explora a colocação de “exit bonds” (bonus de saída) e a conversão do débito em investimentos.

Diante da idéia de se criar uma nova agência internacional para garantir esses títulos trocados, Mar-

ques Moreira observou que talvez fosse melhor “abrir uma janela” para isto dentro do próprio BRD, para viabilizar a conversão. “O México já fez uma dessas operações e agora volta a negociar com os credores” — lembrou, durante entrevista coletiva no Itamaraty, após novos encontros com autoridades da área econômica para conhecer melhor o teor do programa de ajustamento em fase final de preparação.

Sobre sua missão nos Estados Unidos, onde estará a partir desta segunda-feira, explicou que foi encarregado de buscar apoio externo ao ajuste brasileiro, se possível sob a forma de dinheiro novo, além de prosseguir os esforços para encaminhar os entendimentos conjuntos a nível do Grupo dos Oito (devedores latino-americanos). “Não existe ainda um cronograma para este esforço externo, mas vou procurar contribuir para o êxito do programa explicando o sentido das novas medidas.”

O sucesso do ajuste, entretanto, não dependerá diretamente da obtenção destes novos recursos, em sua opinião, mas sim da existência de um ambiente favorável a nível internacional.

“Estou convencido de que a comunidade econômica internacional receberá positivamente o programa brasileiro, que é o mais sério esforço dos últimos anos para debelar a inflação e retomar o crescimento.”

(O presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari, em cadeia nacional de rádio e televisão, prometeu na sexta-feira remover “o pesado fardo” da dívida externa dos ombros dos mexicanos, em 1989. Salinas, de 40 anos, recém-empossado, reuniu economistas graduados no exterior que estão convencidos de que o país pode reiniciar seu crescimento econômico apenas com a redução das taxas de juro e dos pagamentos de amortização da dívida pela metade.)